



III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

A LINGUAGEM DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO OBJETO NARRATIVO, FONTE HISTÓRICA E SUPORTE PEDAGÓGICO

Ivanilson de Melo Mendes

Mestrando Profhistória - PPGHS-UERJ

Universidade do estado do Rio de Janeiro

Profhist85@gmail.com

Apresentação

Ao longo do tempo as pessoas representam e são representadas por suas histórias e suas historicidades e se apropriam dessa memória cultivada que é individual e por vezes coletiva, e com isso enriquece por meio de outros valores, interesses, técnicas, olhares, outras linguagens, construções históricas a partir de uma narrativa.

Jacques Le Goff (1990, p.535) fala do aspecto de “monumento” do documento, alertando para a não existência de uma “memória coletiva bruta, pois os documentos não são algo que estão por conta do passado”, são sim uma constante produção da sociedade que os criou, “fabricou” segundo as relações de força de quem ali detinha o poder, segundo Michel De Certeau (1994, p.48) aponta que ler é ter o direito de “caçar em propriedade alheia”.

Apontando uma fuga da hegemonia de um corpo documental que se construiu canônico⁴³ para a pesquisa histórica e com isso, esse cânon que deveria ser capaz de conferir objetividade desejada e, por derivação, permitir que a narrativa histórica se revestisse como portadora de uma verdade científica, pode se apresentar limitada em suas possibilidades metodológica.

⁴³ Identificamos esse método de trabalho para historiadores a partir da sistematização em compêndios, como a Introdução aos estudos Históricos de Charles-Victor Langlois e Charles Signobos, como representativo para a idéia de corpo documental “canônico”. (Bernardo, 2011 ,p.2)





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Continuamos com Jacques Le Goff no prefácio de *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*, quando ele muito bem alerta para o que Marc Bloch *não diz, que...* (grifo nosso) “A história é uma arte, a história é literatura”, mas frisa

“A história é uma ciência, mas uma ciência que tem como uma de suas características, o que pode significar sua fraqueza, mas também sua virtude, *ser poética* (grifo nosso), pois não pode ser reduzida a abstrações, a leis, a estruturas” (Bloch, 1997, p.19)

Bloch, fala da utilidade e da legitimidade da história e se aproxima dos positivistas pela lógica dos “mestres” pelo paradigma nacionalista com o intuito de prestar contas, por ter o historiador em uma de suas funções, a questão “testamental” do registro dos eventos históricos, é o intelectual a serviço da ação, é pensar o homem afetado pelo presente e pela sua historicidade, é ver a história como um movimento do homem sobre o tempo.

Embora a introdução de gravuras e mapas no ensino de história, já exista a quase um século, e a multiplicação de imagens apresentadas atualmente como material didático demonstrem a importância desse recurso na cultura escolar, a reflexão sobre o papel que efetivamente desempenham no processo aprendizagem ainda é escassa, muito embora venha melhorando exponencialmente.

E voltando a narrativa, faz-se o uso de jornais, filmes, livros, Tv, Livros didáticos, paradidático, revistas e histórias em quadrinhos⁴⁴, (doravante Hq's), assim como a oralidade manifestada dentro da própria sala de aula, tudo isso pode ser tomado como fontes para a história através de uma narrativa, ou mesmo uma linguagem a partir das imagens⁴⁵, que

⁴⁴ Para Will Eisner: “Arte seqüencial”; Scott McCloud: “Imagens pictóricas de vários tipos justapostas em sequencia deliberada, cujo objetivo é produzir uma resposta estética ao leitor; já Luiz Antônio Cagni diz que: “Elas são unidades mínimas de imagens que se articulam em sequência na linearidade temporal da ação”, Sonia M. Bibbe-Luyten, diz que “são dois códigos de signos gráficos: a imagem e a linguagem da escrita”, enquanto que Thierry Groensteen: “Uma definição impossível” fico com essa por não ser necessária uma definição do que são as hq's para a compreensão do trabalho.

⁴⁵ Moacy Cirne fala da importância das imagens como elemento narrativo, para ele as imagens são subversivas, são perturbadoras da racionalidade histórica dos sentidos, pois o homem contemporâneo é instigado a viver das sensações, especialmente as do olhar. (Cirne, 200, p.134)





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

“Serviriam como uma reprodução fidedigna dos acontecimentos registrados apenas pela oralidade, tornando-os vivos/presentes aos olhos do leitor – convertido por autocracia em testemunha” (Bernardo, 2011, p.2)

Pois toda e qualquer expressão que contribua para um melhor entendimento das formas, e dos meios pelos quais nos encontraremos no passado de um ponto de vista metodológico, são essenciais para uma melhor compreensão do evento histórico.

Concordamos que seus usos obedecem a pré-determinações de quem narra, entretanto isso não impede que a própria narrativa, seja o ponto de partida para a análise da fonte histórica, neste caso as Hq's.

Nesse tocante existe nesse processo comunicativo uma relação que não é apenas de transmissor de conhecimento histórico, mas também um construtor a partir de dada narrativa, no tocante à sua historiografia, o caminho escolhido por onde iria narrar determinada história, esse caminho possui especificidades, pois não apenas escreve a história, como também a representa pelo intermédio das imagens, construídas e significadas.

Nessa perspectiva a narrativa⁴⁶ é uma espécie de ponte entre a realidade retratada, e/ou imaginada e outras circunstâncias, outros assuntos, seja no passado, seja no presente.

A história produzida hoje é menos esquemática e ideologizada e é, ao mesmo tempo, escrita em linguagem mais acessível, mais ousada e menos presa a convencionalismos ditos científicos, não por sua essência, mas sim na tentativa de negar outras possibilidades, entre elas, a narrativa se inscreve como uma das maneiras de se pensar a história sem as amarras do tradicionalismo metodológico à moda positivista.

A partir dessas questões e pensando em um estatuto de verdade nos regimes narrativos da historiografia, e através da escrita da história, e diante de sua relação de aproximação e afastamento com a narrativa ficcional, que apresento as Hq's como tentativa de objeto de análise.

⁴⁶ Segundo o dicionário Oxford, narrativa é qualquer relato de eventos conectados (causal ou casual) real ou imaginário, apresentado em uma sequência oral ou escrita.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Onde a narrativa gráfica se insere como linguagem de um regime de verdade, onde guardaria assim um parentesco com a história pensada e analisada sobre outro prisma, como uma nova possibilidade de fonte histórica, que sempre foi considerada pouco tradicional.

Saliento que essa pequena proposta não se encerra em si, e tem mais aberturas e dúvidas do que certezas e afirmações, a intenção é delinear um primeiro passo para a construção de algo mais pungente e menos vacilante.

Desenvolvimento

Para esse percurso historiográfico trabalharemos com Ricardo Benzaquen de Araujo, no seu texto *História e Narrativa*, In Ilmar de Mattos⁴⁷ (1992) onde ele diz que “A narrativa tem a capacidade de tentar enriquecer o entendimento das modalidades da história – *transformando em objeto*” – grifo nosso

Ao mesmo tempo, que se possa pensar a narrativa como algo dentro da história como disciplina, tentando colocar em evidência um aspecto pouco valorizado no trabalho do historiador que é a prática, a dimensão literária de seu trabalho, e porque não dizer para o professor em sala de aula.

Lembrando que a narrativa como objeto metodológico e historiográfico, se insere como uma discussão de fronteira dentro do campo da teoria da história, o que causa situações para a construção de uma crítica a narrativa, segundo Araújo, (1992, p.222).

Encontramos historiadores que acreditam que essa discussão “cancela por exemplo, as formas mais tradicionais de se trabalhar história” critica essa, que ele rechaça, por “não ser sua intenção” e muito menos um horizonte de “perspectiva”, que ele busque, ao posto que outro grupo de historiadores “reagem contra o tema” qualificando como “uma bobagem completa e que não tem a menor importância para o nosso ofício” Araújo (1992, idem). E seguindo nesse percurso

“Na realidade, história e ficção mantiveram durante muito tempo um pulso firme, um desafio que por certo tempo assumiu a forma de uma disputa entre

⁴⁷ Ilmar Rohloff de Mattos.(org.) “ Ler e escrever para contar: Documentação, historiografia e formação do historiador”. Ed. Access Rio de Janeiro. 1998.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

História como análise de pretensões objetivas, no sentido moderno da palavra, e literatura como fonte de prazer, como atividade criativa e imaginária, como forma particular de conhecimento – mesmo que não, sem dúvida, de conhecimento científico” (Silva, 2015, p.21)

O que a narrativa constrói, são ficções verbais cujos conteúdos são inventados e descobertos, cujas formas tem mais em comum com a literatura do que com a ciência, a narrativa não tem um sentido imanente, seu sentido é produzido na interação social a partir do seu resgate com a sociedade.

Mas não devemos ser tão rígidos quanto a posição de fronteira ocupada pela narrativa no campo da história, devemos sim, privilegiar as possibilidades de aplicação em práticas interdisciplinares, estabelecendo, procurando diálogos com outras áreas do conhecimento histórico e nos valendo de novos procedimentos, experiências e conceitos ofertados pelo uso e porque não, abuso da narrativa.

Já Hayden White em *Trópicos do Discurso, Ensaios sobre a crítica da cultura*, nos aponta uma diferença, uma potência entre o discurso, ou sua forma de enunciação, e o significado de outro, ou seja, ele nos fala de uma união do significado e do significante no próprio símbolo, portando numa busca de adequação à mensagem que queremos transmitir através de uma narrativa.

“Nessa linha, White defende que nenhum historiador oferece ao seu leitor/ouvinte a passado enquanto tal. A reconstrução do passado feita pelo historiador não é completa uma vez que a totalidade da temporalidade passada não poderia ser resgatada de forma plena pelo discurso historiográfico” (Bernardo, 2011, p.4)

Já que a escrita historiográfica por seu componente narrativo não é considerada por White como produção científica, mas sim um gênero literário sem cair no falso engano que esse conhecimento seria menor que o conhecimento científico, mas apenas ressalvando que as fontes nunca estão completas, nem as versões historiográficas são definitivas, o que a narrativa histórica constrói segundo esse autor, são ficções verbais cujos conteúdos são inventados e descobertos, cujas formas têm mais em comum com a literatura do que com a ciência. Idem (2011, p.4-5).





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Lembrando que a história é sempre uma construção do presente e que as fontes sejam elas quais forem, também as são. Forjadas, exploradas e lidas no mesmo presente com “filtros” específicos do próprio presente, não temo como fugir disso.

Ou seja, são sempre lidas diversamente em cada época, por cada observador, de acordo com os valores, as preocupações, os conflitos, os gostos os projetos, portanto fontes e versões carregam em si temporalidades distintas, porque são construídas e reconstruídas a cada época.

A reconstrução do passado feita pelo historiador não é completa pela questão da totalidade da temporalidade passada não poderia ser resgatada de forma plena pelo discurso historiográfico ou por qualquer outro meio.

Para tanto, há que se decidir se ela será linear, avançando em linha contínua do passado para o presente ou no destaque de uma realidade histórica por vez que levará em conta as diversas temporalidades que estão envolvidas em um determinado recorte temporal.

Acredito que dentro do proposto, não basta apenas assumir um determinado caminho historiográfico como modelo a ser seguido e aplicado, trata-se sim, de uma busca, uma forma de pensar a narrativa histórica, onde se reconheça como parte do processo histórico para nele melhor pensar e agir, é preciso buscar o lugar de significado, formado a partir da articulação entre a fala propriamente dita e na forma como se estabelece, com o se efetua a comunicação.

O livro didático é um produto complexo da indústria cultural na sociedade capitalista, assinalando com isso que, é antes de tudo, uma mercadoria, do mundo da edição que obedece às técnicas de fabricação e comercialização pertencentes ao mercado”, já dizia Bitencourt (2002, p.71); É elementar para análise de seu conteúdo, pois carrega em si possibilidades de análise acadêmica por conta dessa complexidade adquirida no longo processo que começa na encomenda, na escrita e na sua produção e no olhar de quem é o receptor final dessa obra (produto) o ambiente escolar, com os professores e alunos.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Trabalhar historicamente com narrativa a partir das imagens obriga o historiador a percorrer o ciclo de sua produção, circulação, consumo de modo a recuperar a relação existente com a sociedade.

E, portanto como toda e qualquer mercadoria, destinada ao mercado, ao consumo, irá sofrer as interferências no processo de fabricação e no caso dos livros didáticos como um veículo portador de um sistemas de valores, de ideologia, de cultura a partir de uma construção narrativa, não será diferente.

Helenice Rocha e Flavia Caimi em um estudo essencial sobre os livro didáticos, tratam da organização curricular, que em determinadas épocas mudam a relação que envolve a história do Brasil com a história universal a partir da escolha do discurso narrativo, analisam a manutenção da unidade narrativa histórica apresentada, no que se refere às tomadas de posição no tratamento dos temas presentes na mesma discussão didática.

“Debates sobre a adequação e a primazia entre os conteúdos relativos à história do Brasil e à História geral na organização curricular da disciplina na escola brasileira vieram ocorrendo desde o século XX até o início deste século, provocados por diferentes preocupações”. (Caimi, Rocha 2014, p126)

Desde a presença ou não de imagens, até as características gráficas previstas para seu uso, passando pela aproximação da narrativa, presente no texto base a uma historiografia atualizada ou mais referenciada na tradição escolar, todos são aspectos importantes para análise dos livros didáticos, que se dará sempre, a partir de uma concepção de história e da forma narrativa escolhida para a produção das obras.

É notória a percepção que as hq's hoje estão em um patamar de destaque, seja como produto como objeto de pesquisa e como suporte pedagógico, diferente do que ocorria no último meio século, sem as acusações e perseguições de quem os consideravam serem os maiores responsáveis pela delinquência juvenil.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Os últimos anos as Histórias em quadrinhos tem pautado sua presença – incentivado pelo governo federal⁴⁸ - inclusive dentro dos livros didáticos, tanto como atividade de leitura quanto como instrumento de práticas pedagógicas interdisciplinares.

A sociedade em geral está imersa em uma quantidade enorme de imagens, nos seus mais diversos formatos, no entanto a recepção a leitura dessas narrativas imagéticas não são diretamente compreendidas por conter especificidades próprias da linguagem, entretanto isso não impede que as HQ's sejam usadas como representação de temas da história, seja através de adaptações de obras importantes da literatura brasileira, ou mesmo a partir de representações de grandes temas da história nacional presentes nos currículos escolar.

Ou seja: há um sentido que se busca, uma posição que se deseja marcar, ou mesmo uma dimensão que se quer tratar como hegemônica a partir da narrativa das hq's

“Um dos caminhos para entender os sentidos atribuídos historicamente às Hq's, passa pela análise de suas representações construídas por normas de expressão como cinema e literatura, nomes importantes da literatura do século XX inseriram personagens, narrativas e referências gráficas das HQ's em seus projetos estéticos” Gomes, (2016 p.243-259)

No entanto, alguns estudos sobre as hq's ainda se restringem à análise das adaptações literárias para as hq's, ignorando a própria produção específica da narrativa dos quadrinhos, e parte desse movimento nos remete a uma crítica muito popularizada no Brasil dos anos 1950 de que a leitura das hq's causariam preguiça nas crianças em idade escolar, tirando delas a vontade de leitura de obras realmente importantes e por conta disso uma campanha foi iniciada para atacar os quadrinhos e sua leitura nas escolas.

Conclusão

⁴⁸ Desde os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) ao Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) , com isso tem gerado novos desafios aos professores e trazido à tona uma adiada necessidade de se compreender melhor a linguagem, seus recursos e obras..





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Toda conclusão de trabalho é sempre de insegurança autoral, é perceber que talvez as lacunas se sobressaíam mais do que o esperado, entretanto esse sentimento se dá por novas possibilidades de se pensar o tema do que apenas por questões não alcançadas, mas reitero a disposição de retorno.

Todo o percurso se deu na tentativa de compreensão das hq's como possibilidade de narrativa histórica, a partir das especificidades da linguagem como uma nova possibilidade de fonte histórica, que ainda é relegada a um segundo plano ou assim como a narrativa, uma posição de fronteira da história.

Como toda prática cultural, as hq's tem em sua construção elementos socialmente construídos o que as coloca formalmente como históricas dessa mesma sociedade por atenderem a questões internas e externas à sua linguagem e narrativa.

As diversas resistências da sociedade em relação as hq's mudaram ao longo do tempo, governo, professores, pais se deram conta das possibilidades para além da comunicação, diversão mas também como opção educacional no ensino de história.

Referências

BERNARDO, Thiago Monteiro, História em Quadrinhos, historiografia e narrativas.

ANPUH, São Paulo, 2011.

BITENCOURT, Circe, (org.) O saber historico na sala de aula. ContextoSão Paulo, 2002.

BLOCH, Marc. Apologia da História, Jorge zahar, Rio de Janeiro, 1997.

CERTEAU, Micheu De. A Invenção do Cotidiano, Vozes, Petrópolis, 2002.

GOMES, Ivan Lima. Os novos homens do amanhã. Curitiba, 2018.

HELENICE, Rocha, CAIMI, Flávia. A(s) história(s) contadas no livro didático hoje: entre o nacional e o mundial. Revista brasileira de história, São Paulo, V.34, nº 68, p. 125-147.

LE GOFF, Jacques. História e Memória, Unicamp, Campinas 1990.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

FONSECA, Thais Nivia de Lima. História & Ensino de História. Autêntica. Minas Gerais, 2003.

FRANÇA, Vera. Imagens do Brasil: Modos de ver, modos de conviver, Autêntica, Minas Gerais, 2002.

GOMES, Ivan Lima. Os novos homens do amanhã. Prisma, Curitiba, 2018.

MATTOS, Ilmar Rohloff de (org.) Ler e escrever para contar documentação, ,historiografia e formação do historiador. Access, Rio de Janeiro, 1996.

PAIVA, Eduardo França. História & imagens, autêntica, Minas Gerais, 2002.

SILVA, Renán. Lugar de dúvidas, sobre a prática de análise histórica, Autêntica, Minas Gerais, 2015.

VERGUEIRO, Waldomiro.(org.) Quadrinhos na Educação. Contexto, São Paulo, 2009.

WHITE, Haiden. Trópicos do Discurso, Ensaios sobre a crítica da cultura, Edusp, São Paulo, 2014.

